

ARVOREMOS...

Sobre a inutilidade da Festa das Tendas



*“Vou plantar uma árvore. Será meu gesto de esperança.
Copa grande, sombra amiga, galhos fortes, crianças no balanço
e muitos frutos carnudos, passarinhos em revoada.
Mas o mais importante de tudo:
Ela terá que crescer devagar, muito devagar...
Tão devagar, que a sua sombra eu nunca me assentarei.
Eu a amarei pelos meus sonhos que ela abriga...
E vou dizê-los como poemas, enquanto minhas mãos revolverem a terra:
Desejarei que haja pão para todos, imaginarei que os grandes pararão seu trabalho
para dar lugar ao brinquedo das crianças...
Escolhi este gesto porque as árvores são tranqüilas e mansas,
diferentes das armas dos homens de guerra e dos números dos homens do lucro.
As árvores celebram a vida e com elas se inicia um futuro.
Plantarei uma árvore... Contarei minha esperança...”*

(Rubem Alves – A gestação do futuro, 1972)

Car@s Amig@s,

Escrevo este artigo quando a imprensa divulga a notícia das 600 mil vítimas da COVID-19 no Brasil. É a população de quase duas regiões serranas. Provavelmente serão números outros e

mais trágicos quando vocês receberem o jornal CAMINHADA de novembro. Ainda mais se nosso coração deixar-se também povoar pelos rostos e nomes das pessoas desempregadas, das mulheres e crianças amedrontadas pela violência doméstica, das mães que disputam um pedaço de osso nos açougues para “dar um gosto de carne” na sopa dos filhos, das juventudes negras e diversas que sempre são encontradas por uma bala perdida, dos povos indígenas que resistem à invasão de suas terras e a queimada criminosa das florestas... Nestes primeiros dias de outubro, a chuva e o frio invernicam a primavera, da mesma forma que a brutalidade e a crueldade infernicam nossa frágil humanidade. Por isso, ousamos recordar a memória subversiva de Che Guevara que, há 54 anos entregou sua vida dedicada à construção da Pátria Grande e, nas montanhas da Bolívia, fez a sua Páscoa para a Pátria Maior. Mataram o jovem e sonhador guerrilheiro, mas seus sonhos não morrem nem envelhecem: Ainda que as forças da morte tornem dura a luta pela vida, seguimos endurecendo sem jamais perder a ternura.

O ano era 1997. Em uma tarde qualquer, na Comunidade do Seguimento de Jesus, na periferia da cidade de Lages, em uma roda de chimarrão escutávamos a música “Papel Machê” de João Bosco e cantávamos: *“Vida é fazer todo sonho brilhar!”* Esta foi a inspiração para a canção que tornou-se hino da Festa Diocesana das Tendas, que seria celebrada no dia 30 de novembro, primeiro domingo de um advento que celebramos há 25 anos. Naquele ano, vivenciamos o Ano Bíblico na diocese de Lages, esta pequena porção do povo de Deus que há muitos anos arvora o direito de afirmar: *“Nós somos o povo serrano, queremos nos evangelizar...”* Antecipando o que, 26 anos depois, toda a igreja ouviria do papa Francisco: *“o povo de Deus, pela ação constante do Espírito nele, se evangeliza continuamente a si mesmo”* (EG, 139), participamos de um grande pixirum de formação bíblica em todas as comunidades. Em nossa memória agradecida ainda estão presentes as milhares de lideranças que assumiram a Bíblia como companheira de caminhada, ajudadas pela missionária leiga Maria Soave, *“caminheira errante da Vida e da Bíblia”* como ela mesmo se apresentava nos 22 anos de presença e serviço generoso entre nós. Iluminando a Bíblia com as luzes e sombras da Vida, ainda hoje cantamos em nossas comunidades: *“A Palavra de Deus faz sorrir, faz cantar. Faz o sonho do povo brilhar!”*.

A Palavra de Deus faz sorrir...

Quase no final da profecia de Isaías, um horizonte abre-se como um sorriso: *“A vida do meu povo será longa como a das árvores”* (cf. Is 65,22). A Festa Diocesana das Tendas é uma expressão sorridente do jeito de ser Igreja CEBs na diocese de Lages há mais de 40 anos. Também nos 40 anos de caminhada do povo de Deus pelo deserto, a Festa das Tendas consolidou-se como a festa mais alegre e mais popular porque celebrava a presença de um Deus caminhante, de tenda em tenda, de acampamento em acampamento.

A oração de acolhida das novas Diretrizes da Ação Evangelizadora de nossa diocese nos lembra que somos *“Povo da terra das araucárias, a árvore da terra do povo livre! Povo da terra do Karú, esta terra boa e nossa! Herdeiros das profecias e das águas de João Maria, contestadores da injustiça e da violência!”*. Do testemunho milenar das araucárias nestas terras de serra acima, aprendemos a re-existência. Festa das Tendas é resistente como a árvore do povo livre, há 25 anos teimando em sobreviver a todas as formas de “monocultivo pastoral”, im-plantados pelo desejo de lucro imediato que circula entre investimentos, bancos e negócios. Em tempos de negacionismo da vacina, da ciência e da memória, onde o que vale é o presente imediato, quando

somos surpreendidos por “festas jubilares” de um ano, celebrar 25 anos de história vinculando-a à longa caminhada do povo da Bíblia, torna-se um ato revolucionário, profético e esperançoso.

A Palavra de Deus faz cantar...

Quase no início da profecia de Isaías, uma canção de amor: *“Cantarei, em nome do meu amigo, um canto de amor à sua vinha”* (Is 5,1). Em plena pandemia, o papa Francisco desafia a humanidade para um caminho de re-humanização onde tod@s se reconheçam irmãos e irmãs, companheir@s de uma aventura comum, artesãos/artesãs de um projeto de fraternidade/sororidade aberta, cúmplices na construção da amizade social e sem fronteiras. Nesse caminho, nossas comunidades são convidadas a superar muros e fortalezas e reinventar-se como tendas: igreja de portas e janelas, mãos e abraços abertos para acolher, cuidar e sair em direção das periferias existenciais e geográficas. Por isso, Festa das Tendas não pode ser apenas um evento anual, mas um projeto pastoral para todos os dias, para todos os espaços e tempos eclesiais.

A vivência da amizade social no processo eclesial inspirado na Festa das Tendas diferencia-se pela gratuidade, itinerância e provisoriedade. Há uma parábola da amizade humana que nos conta sobre uma árvore solitária no alto de uma montanha. Ao seu redor, haviam outras árvores que foram cortadas por sua utilidade. Uma pela qualidade de sua madeira, outras pela fragrância de suas flores, outras ainda pela medicina de suas folhas. Aquela árvore restou solitária porque era inútil, aos olhos dos cortadores e mercadores de árvores. No entanto, ela permanecia, no alto da montanha, como única sombra para os passantes. Esta árvore é como uma pessoa que chamamos amigo. Não a amamos porque nos é útil, mas porque nos oferece um abrigo nas tempestades da vida. Tendas são como árvores inúteis... Crescem muito devagar, lerdas como a árvore da terra do povo livre. No entanto, permanecem ao longo dos anos, abrigando o melhor de todos os nossos sonhos: *“uma igreja e uma sociedade sem exclusões...”*

A Palavra de Deus faz o sonho do povo brilhar...

No evangelho da comunidade de Lucas, depois de contar uma parábola sobre o cuidado da terra e dos animais, Jesus adverte: *“Assim também vocês: Quando tiverem concluído todo o trabalho, digam: ‘Somos servidores inúteis. Apenas fizemos o que devíamos ter feito’”* (cf. Lc 17, 7-10). A sociedade do espetáculo e do hiper-consumo incentiva o sucesso individual, o culto da personalidade e o egocentrismo narcisista. Nos tempos de pandemia e de pan-demonia que estamos vivendo, nossas igrejas e muitos agentes de pastoral foram assaltados pelos *“cultos de ostentação”*, onde o que aparenta ser é mais visível do que aquilo que realmente é. Assim, ao celebrar os 25 anos da Festa Diocesana das Tendas devemos estar atentos ao risco de torná-la refém das liturgias que lhe são estranhas. O projeto das Tendas, desde os tempos bíblicos, é denúncia do projeto dos templos e dos palácios. Mesmo que no tempo de Jesus, a Festa anual das Tendas tenha sido cooptada pela religião judaica e transformada em Festa dos Tabernáculos, na memória popular ela permanece como o caminho vocacional dos levitas e dos profetas. Tendas não é o caminho nem a opção dos sacerdotes e das autoridades do Templo. Por isso, para além das celebrações oficiais do *“jubileu de prata”* me arrisco em propor, nova e insistentemente, um caminho sinodal de memória e espiritualidade, para além do evento:

1. Fazer memória, re-cordar, fazer voltar ao coração e nomear todas as pessoas e comunidades que plantaram, cultivaram e mantiveram em pé esta Araucária-Festa Diocesana das Tendas ao longo destes anos: desde quem acompanhou a caminhada das escolas bíblicas em todas as comunidades de nossa diocese até as ministras e ministros que presidiram a Celebração da Palavra na primeira festa e, anos depois, foram descartados porque estavam muito velhos ou não tinham mais serventia para o novo modelo de ministério que se tornou hegemônico como o monocultivo de pinus.
2. Recuperar a prática da comensalidade aberta, presente na prática de Jesus que partilhava refeição preferencialmente com mulheres e crianças, pecadores e excluídos, e também na profecia de João Maria: “Quem tem come, quem não tem come também. E, no fim, todos serão iguais”.
3. Coletar e distribuir alimentos mas, antes disso, assumir o compromisso de uma “sobriedade feliz”, um estilo de vida simples e despojado, o mais possível próximo dos pobres: *“Eles tem muito para nos ensinar... É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles... Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles”* (papa Francisco, EG 198).
4. Superar a compreensão de que colcha de retalhos é um adereço estético. Mais do que isso, trata-se de um símbolo que reúne pessoas empobrecidas ao redor de um compromisso ético, costurado a partir dos Grupos de Família, como vivência de relações curativas e igualitárias.

Neste ano, por razões que todos conhecemos, vamos celebrar os 25 anos da Festa Diocesana das Tendas, de uma forma discreta e simples em nossas comunidades. Não teremos possibilidade de reunir multidões que, muitas vezes, alimentam nossos narcisismos e manifestam nossas tentações ufanistas e triunfalistas. Creio que a Graça de Deus, quase sempre se revela nas des-graças do mundo. Por isso, na travessia deste pesadelo da pandemia, navegando em um oceano de tantas ofertas religiosas do próspero mercado do sacro-negócio, compartilho com vocês o desejo pessoal e comunitário de celebrar a Festa das Tendas na sua inutilidade, sendo fiéis às suas raízes e permitindo que a Palavra de Deus nos converta, fazendo-nos sorrir e cantar, fazendo o sonho do povo brilhar.

Por fim, permitam-me trazer ao coração de tod@s nós o convite do papa Francisco para celebrarmos o 5º Dia Mundial do Pobre junto ao testemunho poético-profético do bispo Pedro que, no dia 08 de agosto de 2020, também fez sua Páscoa nestes tempos de travessia:

*“Por causa de tua causa me destroço
como um navio, velho de aventura,
arvorando, porém, o jovem gozo
de quem, fiel, coroa a travessia.*

Fiel, fiel... é um modo de dizer.

O tempo dura e o porto é ainda um esboço

*por entre as brumas desta Idade escura
que afoga o mar em sangue e soluço.*

*Sempre esperei tua paz. Não te neguei,
se bem neguei o amor de muitos modos
e soçobrei, mesmo tendo-te a meu lado.*

*Não vou pagar as dívidas; não me cobres.
Se eu não soube achar-te sempre em todos,
nunca deixei de amar-te nos mais pobres.*

(Pedro Casaldáliga – El tiempo y la espera, 18)

Arvoremos, irmãs e irmãos: servidor@s inúteis do Reino, perdedor@s de uma Causa invencível... Arvoremos: ainda há tempo!



pe. José Roberto Moreira

beto.jr.moreira@gmail.com

Bocaina do Sul, 09/outubro/2021